

(Diversidades e Estudos Étnico-Raciais (africanos e brasileiros))

Oficinas com a população masculina no âmbito da Política de Assistência Social: uma estratégia para questionar e reconstruir masculinidades

Fabício da Silva Campanucci ¹

1 INTRODUÇÃO

O combate a estereótipos e preconceitos é um dos resultados esperados na implementação do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), no âmbito da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Nesta perspectiva, o escopo das oficinas com famílias devem abarcar o desenvolvimento de ações que possibilitem momentos de questionamento dos padrões estabelecidos e das desigualdades deles decorrentes, rompendo com preconceitos, estereótipos e formas violentas de interação, repensando os papéis sociais no âmbito das famílias e comunidades (Brasil, 2012).

Espera-se ainda que as oficinas viabilizem a identificação de vulnerabilidades e recursos do território; o fortalecimento das redes de apoio; a potencialização da rede de proteção social além de promover espaços que contribuam para a autocompreensão (Brasil, 2012).

Embora o trabalho social com famílias e ações comunitárias realizadas pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Tarobá, no município de Cambé PR, não restringisse a participação masculina, era notória a ausência dos homens nos atendimentos coletivos.

Considerando a necessidade de qualificar o atendimento e acompanhamento social deste segmento populacional, em novembro de 2018, foi criado um ciclo de oficinas a fim de discutir mensalmente temas levantados coletivamente e otimizar o alcance dos objetivos do PAIF.

¹ Doutorando em Serviço Social e Política Social (UEL), Assistente Social da Prefeitura de Cambé PR. ascampanucci@gmail.com .

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Este texto tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por um assistente social na condução das referidas oficinas com a população masculina em um CRAS, entre novembro de 2018 e março de 2023.

2 OS HOMENS NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público descentralizado, participativo e não contributivo que organiza as ações socioassistenciais em todo território nacional, tendo como principal função a gestão da Assistência Social no campo da Proteção Social brasileira. A atenção à família é o principal foco dos serviços, programas, projetos e benefícios. Contudo, “associações automáticas no âmbito da formulação, e especialmente no campo da implementação de políticas refletem equivalências equivocadas, como por exemplo, família e mulheres, gênero e mulheres, homens e vulnerabilidade” (BARBOSA e FREITAS, 2013, p. 58).

A invisibilidade masculina na esfera da Proteção Social Básica da Política de Assistência Social é sustentada por diversas formas de pensar e conduzir esta política pública, entre elas, a associação da família às mulheres e o entendimento de gênero como sinônimo de mulheres. Barbosa e Freitas (2013, p. 72) destacam que essa invisibilidade é “socialmente construída nos CRAS e traduz-se na reprodução de um padrão de práticas e representações social e culturalmente reconhecidas como femininas”.

É fundamental reconhecer a importância das mulheres na gestão das famílias. No entanto, contraditoriamente, este papel atribuído a elas pela Política de Assistência Social pode valorizá-las pelos sucessos ou culpabilizá-las pelos fracassos das suas famílias e dos resultados da própria política. Além disso, corre-se o risco “de desresponsabilizar os homens desse papel e ainda torná-los cada vez mais invisíveis nos atendimentos da assistência social” (BARBOSA e FREITAS, 2013, p. 78).

Ao se pautar em papéis tradicionais, a Política de Assistência Social acaba incentivando o olhar sobre a “mulher-mãe como responsável pelo cuidado e educação

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

dos filhos e do homem-pai pelo provimento financeiro e exercício da autoridade familiar” (Campos, Cavalcanti e Nascimento, 2019, p. 240). Esta perspectiva considera os homens como sujeitos com menor vulnerabilidade, como se exigissem menor proteção social, reiterando a falácia da invulnerabilidade masculina.

Cientes desta lacuna na Proteção Social Básica, defendemos a necessidade de “superar a naturalização das funções e papéis de homens e mulheres no âmbito familiar”, e de “empreender esforços para compreender os homens para além de debates que se restrinjam a [...] a associação estreita com contextos de violência, desresponsabilização parental e reprodutiva” (Barbosa e Freitas, 2013, p. 77-78). É preciso oportunizar reflexões capazes de reconstruir as masculinidades numa perspectiva feminista, tornando-os público-alvo das ações do PAIF e alcançáveis pelas demais políticas setoriais.

É fato que o machismo presente em uma sociedade patriarcal como a brasileira sustenta um perfil masculino pernicioso entre nós. Mas enquanto política pública, o que tem sido feito para mudar esse quadro?

3 OFICINAS COM A POPULAÇÃO MASCULINA NO CRAS: construindo um lugar para os homens na proteção social básica do SUAS

Incluir a população masculina nas ações e serviços socioassistenciais ofertados pelo CRAS não é uma tarefa simples. Primeiro porque, como já dito, o próprio formato da Política de Assistência Social prioriza as mulheres e tende a olhar para a população masculina negativamente, atribuindo-lhes apenas o papel de opressores, agressores, negligentes e violentos. Segundo porque não parece que o lugar dos homens nesta política esteja nítido para gestores, executores e usuários da Assistência Social.

Ao verificar a necessidade de criar um espaço para os homens, passamos a convidá-los durante os atendimentos particularizados a participarem de oficinas temáticas. A proposta foi recebida com entusiasmo por alguns profissionais/gestores e com algumas ressalvas por outros. Questionavam sobre o risco de ser um “grupo terapêutico”, “um grupo de alcoolistas”, um “serviço de saúde”, e até se valeria a pena

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

dedicar tempo a este segmento populacional. Sendo assim, pode-se afirmar que esta proposta saiu do papel através de um processo de resistência e mediante a defesa de que sim, as oficinas com a população masculina atendiam aos objetivos da Política de Assistência Social devido ao seu potencial de socializar informações sobre direitos, serviços e benefícios; de questionar e refletir sobre os papéis socialmente construídos; de combater preconceitos; e para estimular o acesso às outras políticas sociais.

Durante o convite, os homens eram informados que os encontros seriam mensais, com duração máxima de 90 minutos, e que os temas seriam acordados coletivamente. Dos 38 homens com idades entre 20 e 66 anos convidados em 2018, 16 participaram do primeiro encontro, realizado em novembro daquele ano. O número de participantes nas oficinas mensais variou entre 6 a 14 membros, até o primeiro bimestre de 2020². As ausências sempre eram justificadas e os motivos da não participação relacionavam-se a necessidade de geração esporádica de renda, consultas médicas e exames.

A faixa etária dos homens que participaram das oficinas era de 28 a 65 anos. Eles buscaram a Política de Assistência Social em decorrência de doenças e lesões incapacitantes, falta de proteção previdenciária, vínculos familiares rompidos e/ou fragilizados, ausência de rede de apoio e poucas possibilidades de gerar renda.

A fim de estimular a interação e criar vínculo com e entre os participantes, todas as oficinas começavam com o conhecimento do grupo sobre o tema selecionado para o encontro. Assim, foi possível partir do saber popular para refletir e reconstruir suas concepções.

Considerando o perfil do grupo e os interesses levantados nos três primeiros encontros, os temas trabalhados foram relacionados aos papéis sociais e estereótipos de gênero; racismo e discriminação da população negra no Brasil; direitos sociais; saúde dos homens; construção e percepção de redes de apoio; contrarreforma da previdência social; concepções de qualidade de vida; acesso a informação e “fake news”; controle social da política de assistência social; hábitos

² Após a deflagração da Pandemia de Covid-19, em março de 2020, o acompanhamento dos participantes das oficinas foi continuado de forma particularizada até janeiro de 2023.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

alimentares e alimentação saudável; masculinidade hegemônica e novas masculinidades.

As reflexões durante as oficinas permitiram concluir que a condição de saúde e as dificuldades de gerar renda ocasionavam dor e/ou desconforto, influenciando na autoestima³. Para eles, tais dificuldades afetavam a qualidade do sono, geravam ansiedade, angústia, tristeza e pensamentos negativos. Os relatos evidenciavam que necessitar da Política de Assistência Social, adoecer, e “falhar” financeiramente feriam suas identidades masculinas. Expressões como “um homem sem dinheiro, é meio homem”; “o trabalho é tudo na vida de um homem”; “sem trabalhar não sou ninguém”; “depois disso não sirvo pra mais nada”, apareceram em vários encontros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os principais resultados alcançados através das oficinas com a população masculina, destacam-se: a criação de vínculo entre os membros do grupo e a equipe do CRAS; a formação de rede de apoio comunitária; o acesso a serviços de saúde preventivos; a procura de atendimento médico para diagnosticar problemas existentes; a adesão aos tratamentos; a ampliação do conhecimento sobre os serviços e benefícios socioassistenciais e da rede de serviços sociais do município; a participação social na Política de Assistência Social através de reuniões do conselho e conferências municipais.

Tais resultados, a nosso ver, só foram alcançados a partir do questionamento das concepções e expressões das masculinidades e das reflexões sobre os problemas que o machismo pode causar para a sociedade. Isto porque as expressões iniciais dos homens durante as oficinas estereotipavam seus posicionamentos e condutas. Era comum falas como “não vou no médico porque quem procura acha”, “homem não seu cuida mesmo”, “isto não é coisa de homem”. Por isso, desde o início, a desconstrução do padrão hegemônico de masculinidade

³ Após o término das oficinas, foram realizados diversos encaminhamentos, sobretudo para os serviços de saúde do município.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

foi fomentada através de vídeos, de dados estatísticos e das histórias de vida compartilhadas nas oficinas. Refletir sobre valores e certezas tão fortemente arraigadas foi um processo extremamente desafiador. Contudo, podemos afirmar que falar sobre os temas supracitados autorizou os participantes a expressarem suas emoções e frustrações e a compreenderem que os homens também podem demonstrar seus sentimentos.

Não podemos assegurar que os homens que participaram das oficinas foram completamente transformados. Mas perceber que a preocupação com o autocuidado e a revisão de posicionamentos racistas, machistas e homofóbicos tornaram-se uma realidade entre eles, reitera nossa premissa de que a estratégia de implementar oficinas com a população masculina no âmbito da Política de Assistência Social é uma potente ferramenta de combate a estereótipos e preconceitos e uma forma de tornar a população usuária alcançável pelas demais políticas públicas. Trata-se de um caminho para questionar o padrão hegemônico de masculinidade, estimular a reconstrução de masculinidades numa perspectiva feminista e criar um lugar para os homens na Proteção Social Básica do SUAS.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. O. e FREITAS, R. C. S. A invisibilidade dos homens na proteção social básica: um debate sobre gênero e masculinidades. **OP SIS**, Catalão, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 58-83. Disponível em: <file:///C:/Users/PMC/Downloads/A_invisibilidade_dos_homens_na_protecao_social_basi.pdf> Acesso em: 03 ago 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas sobre o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF)**. Vol. 1-2. Brasília, 2012.

CAMPOS, Daniel de S.; CAVALCANTI, Ludmila F.; NASCIMENTO, Marcos A. Homens e Proteção Social: desafios para a Política Nacional de Assistência Social. **O social em questão**. Ano XXII, nº 43, jan/abr de 2019. p. 239-256. http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_43_art_10.pdf. Acesso em 03 ago. 2023.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná